

ACERCA DO PODER E DA ARTE: ROSANVALLON E HOLBEIN

ROSANVALLON, Pierre. *Por Uma História do Político*. Tradução de Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010, 102 p.

PAULO DEBOM*

A publicação de *Por Uma História do Político* preenche uma lacuna no mercado editorial brasileiro no campo dos estudos da História Política Renovada. A obra, que conta com um excelente texto introdutório de Christian Edward Cyril Lynch, resulta da junção de dois artigos de um dos mais importantes politólogos franceses das últimas décadas.

Pierre Rosanvallon nasceu em 1948, sendo assim foi criado durante a reconstrução europeia do pós-guerra. Viveu a juventude em meio às agitações sociais do final dos anos de 1960 e início de 1970. Suas pesquisas têm por foco as questões ligadas à história da democracia, à construção conceito do político, ao papel do Estado e à justiça social. Suas principais obras são: *L'âge de l'autogestion*; *Pour une nouvelle culture politique*; *La République du centre: La fin de l'exception française* (com François Furet e Jacques Julliard); *La Légitimité démocratique: Impartialité, réflexivité, proximité e O Liberalismo Econômico*. Infelizmente, quase todas ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa.

Junto com Marcel Gauchet, o autor figura como o mais destacado representante da Escola Francesa do Político. As influências mais marcantes, em seu trabalho, vieram do pensamento de Alexis de Tocqueville, Raymond Aron, Claude Lefort e François Furet. Estes dois últimos têm um peso decisivo em suas obras. Assim como Rosanvallon, ambos vivenciaram um período de militância de esquerda e de encantamento com o marxismo. Todavia, desapontaram-se com o rumo totalitário seguido pelas nações comunistas. Desta

Resenha recebida em 24 de Novembro de 2013 e aprovado para publicação em 16 de Janeiro de 2014.

* Doutorando em História Política pelo PPGH-UERJ e docente da Universidade Candido Mendes.

E-mail: paulodebom@gmail.com

decepção, surgiu uma nova postura e uma reavaliação de suas formas de pensar a história. Outro ponto em comum entre eles foi a crítica à postura da Escola dos Annales, que relegou a história política ao plano do esquecimento, uma espécie de limbo acadêmico.

Além de ser atuante no Colégio de França - com o patrocínio de empresas como, AGF, Air France e Lafarge - Rosanvallon criou, em 2002, o ateliê intelectual, *La République des Idées*. Neste espaço de produção e discussão, organiza diversos eventos e edita a revista *La Vie des Idées*, veículo de divulgação de inúmeros trabalhos sobre os estudos do político. Aos 65 anos, este pensador encontra-se no auge de sua produção acadêmica e, “pelo andar da carruagem”, ainda terá fôlego para muito mais trabalhos de peso na historiografia mundial.

Aqui, abordar-se-á alguns pontos fulcrais que, de certa forma, dão conta das principais questões levantadas na obra: a política e o político; a modernidade; o totalitarismo, o liberalismo e a democracia.

As reflexões sobre a transcendência do político encontram local privilegiado no pensamento de Rosanvallon. De certa forma, esta ideia é uma influência de Claude Lefort e Carl Schmitt. Estes intelectuais defendem que economia, política, religião, mundo jurídico e as formas de sociabilidade são subsistemas de algo maior que eles denominam “o político”. Instância distinta e superior que edifica a unidade do edifício social; espécie de arquitetura que torna a vida social possível. Suas teses apontam para a existência de lugares de poder em todas as sociedades humanas, desde as primitivas às mais complexas.

As ideias supracitadas têm grande força na obra de Rosanvallon, embora ele tente não apontar o político como uma instância superior às outras no sentido de ser o fator determinante da vida em sociedade. Ele o coloca num ponto privilegiado da análise histórica, uma esfera de grande relevância na qual se entrecruzam a política, a cultura, a economia e as formas de sociabilidade.

Seguindo de perto o pensamento de Lefort, Rosanvallon se refere a seu trabalho como uma *história filosófica do político*. Um de seus objetivos principais é desenvolver uma compreensão das formas de construção das representações que permitem às pessoas forjarem sua convivência e as relações de poder a ela intrínsecas. De certa forma, aproxima-se do pensamento de um dos maiores expoentes dos *Annales*, Fernand Braudel. O autor tenta ressignificar a proposta de uma história total, pois ela poderia dar o sentido do político dentro do seu pensamento. Sua análise busca abarcar os diversos níveis de expressão da existência, como, por exemplo, a literatura, a música, a imprensa, textos teóricos, panfletos, emblemas e signos. Segundo ele, não existe nenhum tipo de objeto que não possa fazer parte deste tipo de estudo da realidade.

Um ponto que liga Furet, Gauchet e Rosanvallon é a passagem na juventude pelo pensamento marxista e o seu posterior abandono. O encantamento para com os países que passaram por revoluções que instauraram governos comunistas, como por exemplo, a União Soviética e a China, teve tempo limitado para alguns pensadores europeus. As ditaduras postas em ação por Stalin e Mao mostraram-se tão sanguinárias quanto os governos totalitaristas de Hitler e Mussolini. O projeto de construção de uma sociedade igualitária e justa, desenvolvido na teoria pelos marxistas, mostrou-se, na prática castradora, antidemocrática e incapaz de promover o desenvolvimento real dos países nos quais foi adotado.

Partindo do desapontamento com o marxismo vivenciado nas sociedades totalitaristas, esses autores passaram a ver no liberalismo uma possibilidade da celebração da democracia. Daí compreende-se a importância dada ao estudo do processo de transformações do político a partir da Revolução Francesa, pois foi a partir dela que se delinearão os rumos da sociedade ocidental. O resgate de Tocqueville é então essencial, visto que foi ele um dos pensadores que havia demonstrado que a modernidade fundamentava-se não na industrialização (Comte) e nem na luta de classes (Marx), mas sim na igualdade social e de condições. Em suma, o liberalismo para Rosanvallon é parte fundamental na construção da liberdade democrática.

O autor, apesar de demonstrar quase sempre um grande otimismo em face às sociedades democráticas, também aponta alguns de seus problemas, o que denomina de “decepção democrática”. O declínio do envolvimento da população nas questões sociais, a descrença na política, a desagregação das figuras coletivas são alguns dos exemplos identificados por ele. Em meio a um progresso tecnológico desenfreado, a uma globalização galopante e a uma aceleração do tempo de forma nunca antes vivida; crescem também o individualismo, a xenofobia e os movimentos neonazistas.

A obra aqui discutida faz um apanhado geral não somente das ideias do autor, mas também apresenta as contribuições de vários outros pensadores que muito contribuíram para a renovação da história política nas últimas décadas. Ao apresentar o conceito *do político* e a metodologia da *história filosófica do político*, dá um sopro de vitalidade nos estudos acadêmicos, mostrando a força e o dinamismo de um campo da história que muito tem a contribuir para a construção da democracia e da liberdade no mundo contemporâneo.

Cabe aqui ainda enfatizar outro ponto de grande relevância. Algo que chama a atenção do leitor ao observar a edição brasileira é a capa. Trata-se de um detalhe da famosa tela *Os Embaixadores* do mestre Hans Holbein, pintada em 1533. O trecho reproduzido mostra um braço recostado ao lado de um globo terrestre, onde podem ser vistos oceanos e territórios que

eram navegados e conquistados naquele início da Idade Moderna. Nele também figuram alguns seres mitológicos que povoavam o imaginário europeu.

A pintura - realizada na Inglaterra no período de Henrique VIII - é repleta de significados importantes para se pensar a questão do poder. Aquele era um momento delicado do fortalecimento e redefinição dos rumos do Estado Inglês. O soberano encontrava-se em sério conflito com o Papa Clemente VII e às vésperas do rompimento com a Igreja Católica. Ao retratar o embaixador Jean de Denteville (representante de Francisco I da França) e o bispo George de Selve (representante de Carlos V da Espanha), o artista destaca as relações de três diferentes nações no cenário internacional. No centro da obra, há um móvel onde se encontram diversos objetos ligados ao desenvolvimento científico da época. Globo terrestre, cartas náuticas, instrumentos de navegação, livro de aritmética, entre outros artefatos, remetendo-nos a todo processo das grandes navegações, por meio do qual os europeus gradativamente dominaram os oceanos, chegaram às Américas, conquistaram novos territórios, iniciaram a colonização e desenvolveram o comércio em escala nunca antes vista. Ao mesmo tempo, há elementos que expressam o clima de tensão daquele contexto histórico: o alaúde com uma corda rompida; o livro de cânticos religiosos que mostra um hino cristão traduzido do latim por Martinho Lutero na Alemanha; um crucifixo católico colocado, no canto superior esquerdo, de forma tão discreta, visando demonstrar o declínio do poder da Igreja Romana em território inglês. Na tela, tudo é retratado de maneira muito realista; porém Holbein, aos pés dos dois homens, colocou um elemento desestabilizador, uma forma distorcida que destoava do restante: um crânio que flutua em meio ao cenário.

Em um universo de grande tensão nas relações de poder, os reis, os nobres e os religiosos digladiavam-se para obter o controle da Europa e dos novos territórios descobertos. Os senhores da política, dos mares, da ciência, das artes e do comércio eram impotentes diante da finitude da vida. Apesar da sensação de poder imperante, os homens, que tudo almejavam e tentavam dominar, continuavam pequenos e vulneráveis em face do súbito de Tântato.

A capa foi uma feliz escolha da editora Alameda. Nada melhor para refletir sobre o escopo do político, do que uma tela que fala de poder, fronteiras, relações internacionais, desenvolvimento científico, comércio e fragilidade da existência. Uma das questões centrais da obra aqui analisada é a tentativa de Rosanvallon em definir o que seria o político e mostrar o porquê deste conceito ser muito mais amplo que a política, logo a pintura do mestre Holbein consegue traduzir o espírito dos textos do pensador francês.

ANEXO
OS EMBAIXADORES- HANS HOLBEIN (1533)
NATIONAL GALLERY, LONDRES.

